

# ASSIM FOI AUSCHWITZ

## PRIMO LEVI

COM LEONARDO DE BENEDETTI

TESTEMUNHO INÉDITO DE UMA DAS VOZES MAIS RELEVANTES  
DA MEMÓRIA DO HOLOCAUSTO



OBJECTIVA

## ÍNDICE

<i>Nota dos organizadores</i> . . . . .	11
Assim foi Auschwitz	
Leonardo De Benedetti – Primo Levi	
<i>Relatório sobre a organização higiênico-sanitária do Campo de concentração para Judeus de Monowitz (Auschwitz – Alta Silésia)</i> . . . . .	17
1945-46	
<i>Relação do dr. Primo Levi n.º de matrícula 174517 sobrevivente de Monowitz-Buna.</i> . . . . .	49
1945	
<i>Depoimento</i> . . . . .	55
c.1946	
Leonardo De Benedetti	
<i>Depoimento sobre Monowitz</i> . . . . .	57
1946?	
<i>Declarações para o processo Höss</i> . . . . .	62
1947	
Leonardo De Benedetti	
<i>Depoimento para o processo Höss</i> . . . . .	64
1947	
<i>Testemunho de um companheiro de prisão</i> . . . . .	69
1953	
<i>Aniversário</i> . . . . .	71
1955	

Leonardo De Benedetti	
<i>Denúncia contra o dr. Joseph Mengele</i> . . . . .	74
c.1959	
<i>Carta à filha de um fascista que pede a verdade</i> . . . . .	79
1959	
<i>Milagre em Turim</i> . . . . .	82
1959	
<i>O tempo das suásticas</i> . . . . .	84
1960	
<i>Depoimento para o processo Eichmann</i> . . . . .	87
1960	
<i>Testemunho para Eichmann</i> . . . . .	91
1961	
<i>Deportação e extermínio de judeus</i> . . . . .	98
1961	
<i>Declarações para o processo Bosshammer</i> . . . . .	107
1965	
<i>A deportação dos Judeus</i> . . . . .	109
1966	
Leonardo De Benedetti	
<i>Questionário para o processo Bosshammer</i> . . . . .	114
1970	
<i>Questionário para o processo Bosshammer</i> . . . . .	121
1970	
<i>Depoimento para o processo Bosshammer</i> . . . . .	128
1971	
<i>A Europa dos Lager</i> . . . . .	137
1973	

<i>Assim foi Auschwitz</i> . . . . .	141
1975	
<i>Deportados políticos</i> . . . . .	145
1975	
<i>Esboço de texto para o interior do Block italiano em Auschwitz</i> . . . . .	150
1978	
<i>Em Auschwitz, uma comissão secreta de defesa</i> . . . . .	153
1979	
<i>Aquele comboio para Auschwitz</i> . . . . .	156
1979	
<i>Recordação de um homem bom.</i> . . . . .	160
1983	
<i>À nossa geração...</i> . . . . .	163
1986	
APÊNDICE	
Primo Levi – Leonardo de Benedetti	
<i>O comboio para Auschwitz.</i> . . . . .	167
UMA TESTEMUNHA E A VERDADE, de Fabio Levi e Domenico Scarpa . . .	175
ANEXO	
<i>Documentação fotográfica.</i> . . . . .	229
<i>Notas sobre os textos, de Domenico Scarpa.</i> . . . . .	239
<i>Agradecimentos</i> . . . . .	289

## Nota dos organizadores

Os leitores de Levi sabem que o primeiro capítulo de *Os que sucumbem e os que se salvam* começa com a frase: «A memória humana é um instrumento maravilhoso mas falível.» É natural que fixem a atenção no adjectivo «falível», no qual estão sintetizadas a acuidade e a honestidade de um escritor que denuncia, logo à partida, os limites de todos os testemunhos, a começar pelo seu. Ao reunir os documentos presentes neste livro quise-mos, no entanto, dar aos dois adjectivos «maravilhoso» e «falível» um peso diferente do habitual, que cabe aqui explicar.

*Assim foi Auschwitz* começa com o texto do *Relatório sobre a organização higiénico-sanitária* do Lager de Monowitz (Auschwitz III), que o cirurgião Leonardo De Benedetti e o químico Primo Levi redigiram em Katowice na Primavera de 1945, a pedido do Comando russo deste campo para ex-prisioneiros; no ano seguinte, o texto foi publicado em italiano e numa versão maior, na revista turinense *Minerva Medica*. A esse primeiro testemunho segue-se, por ordem cronológica, um conjunto de textos de géneros e origens diferentes que cobrem um período de quarenta anos, de 1945 a 1986: artigos publicados em jornais e revistas, declarações feitas em público, depoimentos prestados em processos contra criminosos nazis (neste último caso, a voz de Leonardo volta a juntar-se à do amigo), textos oficiais encomendados a Levi como figura de autoridade entre os sobreviventes dos Lager. A maior parte dos textos foi redigida pessoalmente

por Primo Levi, que pôde também acompanhar a sua publicação. Porém, no que diz respeito aos seus testemunhos nos processos, muitas vezes dispomos de transcrições feitas por terceiros, não submetidas à sua verificação. Por último, alguns escritos (como se observa nas *Notas sobre os textos*) seguiram um caminho sinuoso.

Uma situação tão diversificada teve duas consequências: 1) a voz de Levi é sempre reconhecível à medida que os anos passam e, do mesmo modo, os contornos do seu relato ganham forma ao longo do tempo e consolidam-se com coerência, adotando sempre perspectivas diferentes; 2) existe um conjunto de pequenas inconformidades nalguns desses textos — oscilações ortográficas, erros materiais, lapsos de memória referentes a nomes, valores, datas, topónimos — com maior incidência, naturalmente, nos de origem oral ou transmitidos por intermediários, por mais escrupulosos que estes sejam. No presente livro, exceptuando a correção dos *lapsus calami* mais comuns e das gralhas óbvias, optámos por reproduzir os textos tal como se apresentavam, assinalando as eventuais incongruências nas *Notas*, que reconstituem os acontecimentos de cada texto e esclarecem algumas alusões; o mesmo se aplica, evidentemente, aos textos de Leonardo De Benedetti que julgámos necessário incluir. Esta fidelidade aos documentos pareceu-nos ser uma maneira de colocar à disposição dos leitores, pelo menos em parte, a sua composição material e a marca da época da qual provêm.

Mas esta decisão deve-se também a outro critério, relacionado com as preocupações manifestadas por Levi nos últimos anos de vida perante os possíveis usos instrumentais de pequenos lapsos ou lacunas presentes nos testemunhos dos sobreviventes: esse critério é o respeito pela verdade, que nos levou a manter a máxima fidelidade filológica na edição dos textos e uma completa transparência historiográfica na reconstituição da sua génese. O mesmo princípio sugeriu-nos, por outro lado,

que dedicássemos igual atenção ao esforço de Levi para restituir, mesmo bastantes anos depois, uma realidade muito difícil de descrever; um esforço graças ao qual a própria descoberta desses lapsos — insistimos em salientar — acaba por conferir um relevo ainda maior à coerência e à solidez do quadro que nos é oferecido depois de mais de quarenta anos de trabalho.

O empenho constante em corrigir, também, os seus eventuais lapsos pessoais, adoptando com frequência a posição de investigador, mais do que de simples testemunha — como no extraordinário *Relatório* de 1945, dedicado aos companheiros que seguiram na fatídica marcha de evacuação de Auschwitz —, fez com que Primo Levi chegasse a uma verdade cada vez mais nítida. Mas não é tudo; este livro em especial, pelo perfil dos textos que o compõem, oferece aos leitores outra oportunidade importante: fornece-lhes ferramentas para estabelecerem o respectivo peso que, no que se refere à memória, pode ser atribuído a adjectivos aparentemente tão incompatíveis como os apresentados em *Os que sucumbem e os que se salvam*: «maravilhosa» e «falível».

F. L. – D. S.

Assim foi Auschwitz



## Relatório sobre a organização higiénico-sanitária do Campo de concentração para Judeus de Monowitz (Auschwitz – Alta Silésia)

Graças à documentação fotográfica e às declarações agora numerosas fornecidas por ex-internos dos vários Campos de concentração criados pelos alemães para a aniquilação dos judeus da Europa, talvez já não exista ninguém que ainda ignore o que foram esses lugares de extermínio e as torpezas que lá foram praticadas. No entanto, com a finalidade de dar a conhecer melhor os horrores, dos quais nós próprios também fomos testemunhas e muitas vezes vítimas durante o período de um ano, acreditamos ser útil trazer a público em Itália um relatório que apresentámos ao governo da U.R.S.S., por solicitação do Comando Russo do Campo de Concentração de Kattowitz para italianos ex-prisioneiros. Foi neste Campo que também nós ficámos abrigados após a nossa libertação, efectuada pelo Exército Vermelho em finais de Janeiro de 1945. Acrescentamos agora a essa exposição algumas informações de ordem geral, pois o nosso relatório da altura devia restringir-se exclusivamente ao funcionamento dos serviços sanitários do Campo de Monowitz. O mesmo governo de Moscovo solicitou relatórios análogos a todos os médicos de qualquer nacionalidade que, vindos de outros campos, também tivessem sido libertados.



Partimos do Campo de concentração de Fossoli di Carpi (Módona) em 22 de Fevereiro de 1944, num comboio com 650 Judeus de ambos os sexos e de todas as idades. O mais velho passava dos oitenta anos, o mais novo era um bebé de três meses. Muitos estavam doentes, alguns gravemente: um velho de setenta anos, que tivera uma hemorragia cerebral poucos dias antes da partida, foi igualmente embarcado e morreu durante a viagem.

O comboio era composto apenas por vagões de transporte de gado, fechados pelo lado de fora; em cada vagão, foram amontoadas mais de cinquenta pessoas, a maior parte das quais levava consigo todas as malas que conseguia, porque um primeiro sargento alemão do Campo de Fossoli tinha-nos sugerido, com ar de quem dava um conselho desinteressado e afectuoso, que nos provêssemos de muitas roupas pesadas — camisolas de malha, cobertores, peliças — porque seríamos levados para regiões com um clima mais rigoroso do que o nosso. E acrescentara, com um sorrisinho benévolo e uma piscadela de olho irónica, que, se alguém tivesse dinheiro ou jóias escondidas, faria bem em levá-los também, pois lá seriam certamente úteis. A maioria dos que partiam mordeu o isco, seguindo um conselho que escondia uma armadilha grosseira; outros, pouquíssimos, preferiram confiar os seus bens a algum particular com livre acesso ao Campo; outros, por fim, que no acto da detenção não tinham tido tempo de providenciar mudas de roupa, partiram apenas com o que vestiam.

A viagem de Fossoli para Auschwitz durou exactamente quatro dias; e foi muito penosa, sobretudo por causa do frio, que era tão intenso, especialmente nas horas nocturnas, que de manhã as tubagens de metal que percorriam o interior dos vagões estavam cobertas de gelo, devido ao vapor da respiração que se condensava sobre elas. Outro tormento era a sede, que só podia ser saciada com a neve recolhida durante a única paragem diária,

quando o comboio se detinha em campo aberto e os viajantes eram autorizados a descer dos vagões, sob a rigorosíssima vigilância de inúmeros soldados, prontos, com a metralhadora sempre apontada, a abrir fogo contra quem quer que fizesse menção de se afastar do comboio.

Era durante essas curtas paragens que se procedia, vagão a vagão, à distribuição dos alimentos: pão, doce e queijo; nunca água ou qualquer outro líquido. As possibilidades de dormir eram reduzidas ao mínimo, pois a quantidade de malas e trouxas que se amontoavam no chão não permitia que ninguém se ajeitasse numa posição cómoda e propícia ao descanso; os viajantes deviam, portanto, contentar-se em ficar acorados da maneira que lhes custasse menos num espaço muito reduzido. O soalho dos vagões estava sempre molhado e não era fornecido sequer um pouco de palha para o cobrir.

Assim que o comboio chegou a Auschwitz (eram aproximadamente 21 horas de 26 de Fevereiro de 1944), os vagões foram rapidamente esvaziados por numerosos SS, armados com pistolas e bastões; e os viajantes foram obrigados a colocar malas, trouxas e cobertores ao longo do comboio. A comitiva foi logo dividida em três grupos: um de homens jovens e aparentemente válidos, que veio a ser constituído por 95 indivíduos; um segundo de mulheres, também jovens — grupo pequeno, composto por apenas 29 pessoas —, e um terceiro, o mais numeroso de todos, com crianças, inválidos e velhos. Enquanto os primeiros foram encaminhados separadamente para vários campos, há razões para crer que o terceiro foi conduzido directamente para a câmara de gás de Birkenau, e aqueles que o integravam trucidados nessa mesma noite.

O primeiro grupo foi levado para Monowitz, onde havia um Campo de concentração sob a alçada administrativa de Auschwitz, do qual distava cerca de 8 km, e que fora constituído em

meados de 1942 com a finalidade de fornecer mão-de-obra para a construção do complexo industrial «Buna-Werke», subordinado à I.G. Farbenindustrie. Esse campo albergava entre 10 000 e 12 000 prisioneiros, embora a sua capacidade normal se limitasse a 7000-8000 homens. A maior parte deles eram Judeus de todas as nacionalidades da Europa, mas havia uma pequena minoria de criminosos alemães e polacos, de «políticos» polacos e de «sabotadores».

A «Buna-Werke», destinada à produção em grande escala de borracha sintética, gasolina sintética, corantes e outros subprodutos de carvão, ocupava uma área rectangular com cerca de 35 km<sup>2</sup>. Uma das entradas dessa zona industrial, totalmente isolada por cercas altas de arame farpado, encontrava-se a poucas centenas de metros do Campo de concentração dos Judeus, enquanto, a pouca distância deste e adjacente à periferia da zona industrial, havia um Campo de concentração para prisioneiros de guerra ingleses e, mais longe, encontravam-se outros Campos para trabalhadores civis de várias nacionalidades. Diga-se de passagem que o ciclo produtivo da «Buna-Werke» nunca começou: a data de inauguração, prevista inicialmente para Agosto de 1944, foi sendo protelada devido aos bombardeamentos aéreos e à sabotagem por parte dos operários civis polacos, até à evacuação do território pelo exército alemão.

Monowitz era, portanto, um típico «Arbeits-Lager»<sup>1</sup>: todas as manhãs a população inteira do Campo — excepto os doentes e as poucas pessoas designadas para trabalhos internos — dispunha-se numa formação perfeitamente ordenada e desfilava ao som de uma banda, que tocava marchas militares e alegres cançonetas, para se dirigir aos locais de trabalho que, para alguns grupos, ficavam a uma distância de seis-sete quilómetros:

<sup>1</sup> Campo de trabalho. (N. do T.)

o trajecto era feito em passo acelerado, quase em corrida. Antes da saída para o trabalho e depois do regresso, todos os dias se realizava a cerimónia de chamada numa praça do Lager própria para esse fim, onde todos os prisioneiros tinham de ficar em formação rígida, durante uma a três horas, independentemente do clima que estivesse.

Assim que chegou ao Campo, o grupo de 95 homens foi levado para o pavilhão de desinfecção, onde todos foram prontamente despídos e, depois, submetidos a uma completa e cuidada depilação: cabelos, barbas e tudo o resto cáíram rapidamente sob tesouras, navalhas e máquinas. A seguir, os homens foram colocados na sala dos chuveiros e ali ficaram trancados até à manhã seguinte. Cansados, famintos, com sede e sono, atónitos com o que tinham visto e inquietos pelo seu destino imediato, mas, acima de tudo, inquietos pela sorte dos entes queridos de quem tinham sido brusca e brutalmente separados poucas horas antes, com o espírito atormentado por obscuros e trágicos sentimentos, eles tiveram de passar a noite inteira em pé, com os pés na água que pingava das tubagens e corria pelo chão. Finalmente, por volta das 6 horas da manhã seguinte, foram submetidos a uma fricção geral com uma solução de lisol e depois a um duche quente; de seguida, foram-lhes entregues os uniformes do Campo e, para os vestir, foram conduzidos a outra sala, na qual tiveram de entrar pelo lado de fora do pavilhão, saindo nus para a neve, com o corpo ainda molhado do duche recente.

O uniforme dos prisioneiros de Monowitz durante o Inverno era composto por um casaco, um par de calças, um boné e um sobretudo de pano às riscas; uma camisa, um par de cuecas de algodão, um par de meias; um pulôver; um par de sapatos com sola de madeira. Muitas meias e muitas cuecas tinham sido visivelmente feitas a partir de alguns «thaled» — o manto sagrado com o qual os Judeus se costumam cobrir durante as orações —,

encontrados nas malas de alguns deportados e utilizados para aquela finalidade em sinal de desprezo.

Mal chegava o mês de Abril, quando o frio, embora mais brando, ainda não desaparecera, as roupas de pano grosso e os pulôveres eram retirados, e as calças e o casaco eram substituídos por peças análogas de algodão, também às riscas; só em finais de Outubro voltavam a ser distribuídas roupas de Inverno. No entanto, isso não aconteceu no Outono de '44, porque as roupas e os casacos de pano grosso tinham chegado ao limite extremo de uso, de forma que os prisioneiros tiveram de enfrentar o Inverno de '44-'45 vestindo algodão, como nos meses de Verão; só uma pequena minoria recebeu uma leve gabardina impermeável ou um pulôver.

Era rigorosamente proibido possuir mudas de roupa ou de peças íntimas, de forma que era quase impossível lavar camisas ou cuecas: essas peças eram trocadas, de acordo com as autoridades, a cada 30-40-50 dias, segundo a disponibilidade e sem possibilidade de escolha; as peças não vinham lavadas, eram apenas desinfetadas a vapor, pois não havia lavanderia no Campo. Em geral, eram cuecas curtas de algodão e camisas, sempre de pano, frequentemente sem mangas, sempre de aspecto repugnante devido a todo o tipo de manchas, com frequência reduzidas a farapos; nalgumas ocasiões, em vez disso, recebia-se a camisa ou as calças de um pijama ou mesmo alguma peça de roupa feminina. As repetidas desinfecções deterioravam os tecidos, acabando com a sua resistência. Todo este material resultava das roupas de pior qualidade retiradas aos passageiros dos vários comboios que, como se sabe, chegavam continuamente ao Centro de Auschwitz provenientes de todas as partes da Europa. Eram distribuídos sobretudo, casacos e calças, tanto de Verão como de Inverno, em péssimas condições, cheios de remendos e impregnados de sujidade (barro, graxa, tinta). Os prisioneiros tinham

de tratar pessoalmente de os arranjar, sem receberem linhas ou agulhas para isso. Era extremamente difícil conseguir trocá-los, o que só acontecia quando qualquer tentativa de arranjo fosse de todo impossível. As meias nunca eram trocadas, e a sua recuperação ficava entregue à iniciativa de cada um. Era proibido possuir lenços de assoar ou qualquer outro pedaço de tecido.

Os sapatos eram feitos numa oficina própria que existia no Campo; as solas de madeira eram pregadas em chapas de couro ou de couro sintético ou de pano emborrachado provenientes do calçado de pior qualidade retirado dos comboios que chegavam. Quando estavam em bom estado, constituíam uma defesa razoável contra o frio e a humidade, mas eram absolutamente inadequados para as caminhadas, mesmo curtas, e causavam escoriações na sola dos pés. Podia considerar-se afortunado aquele que tivesse sapatos emparelhados e do tamanho adequado. Quando se estragavam, eram consertados infinitas vezes, para além de qualquer limite razoável, de forma que era raríssimo ver calçado novo, e aquele que normalmente era distribuído não durava mais de uma semana. Não eram distribuídos atacadores, cada qual os substituíam como podia por pedaços de papel retorcido ou por fio eléctrico, quando era possível encontrar algum.

O estado higiénico-sanitário do Campo parecia, à primeira vista, realmente bom: as ruas e vielas que separavam os diversos «blocos» eram limpas e bem conservadas, até onde permitia o chão lamacento; o exterior dos «blocos», em madeira, era bem pintado e o interior tinha os soalhos cuidadosamente varridos e lavados todas as manhãs, com os chamados «castelos»<sup>2</sup> de três andares em perfeita ordem, as mantas dos catres bem estendidas e alisadas. Mas tudo isto era apenas aparência, sendo

<sup>2</sup> Beliches. (N. do T.)

a substância completamente diferente: na verdade, nos «blocos», que normalmente deveriam albergar entre 150 e 170 pessoas, amontoavam-se sempre pelo menos 200, muitas vezes até 250 pessoas, e portanto em quase todas as camas dormiam duas pessoas. Nessas condições, o tamanho do dormitório era certamente inferior ao mínimo exigido pelas necessidades de respiração e hematose. Os catres eram providos de uma espécie de saco grande, mais ou menos cheio com serragem de madeira, reduzida quase a pó pelo uso prolongado, e dois cobertores. Os cobertores, além de nunca serem trocados nem submetidos, a não ser muito raramente e por motivos excepcionais, a qualquer desinfecção, estavam, na maior parte dos casos, em péssimo estado de conservação: gastos pelo uso prolongado, rasgados, cobertos de todo o tipo de manchas. Só os catres mais à vista eram providos de cobertores mais decentes, quase limpos, e às vezes até bonitos: eram os catres dos andares inferiores e mais próximos da porta de entrada.

Naturalmente, essas camas eram reservadas para os pequenos «líderes» do Campo: Capatazes e seus assistentes, ajudantes do Chefe de bloco, ou simplesmente amigos de uns ou de outros.

Assim se explica a impressão de limpeza, ordem e higiene que a pessoa tinha ao entrar num dormitório pela primeira vez e deitando um olhar superficial ao seu interior. Nas armações dos «beliches», nas vigas de sustentação, nas tábuas dos catres, viviam milhares de percevejos e pulgas que impediam os prisioneiros de dormir à noite; nem sequer as desinfecções dos dormitórios com vapores de ácido nítrico, efectuadas de três em três meses ou de quatro em quatro, eram suficientes para destruir esses hóspedes que continuavam a vegetar e a multiplicar-se quase imperturbáveis.

Os piolhos, pelo contrário, eram combatidos a fundo, a fim de prevenir o surgimento de uma epidemia de tifo peteual:



todas as noites, após regressar do trabalho, e com maior rigor nas tardes de sábado (dedicadas, entre outras coisas, a rapar o cabelo, a barba e por vezes também outros pêlos), praticava-se o chamado «controlo dos piolhos». Cada prisioneiro tinha de se despir e submeter as suas roupas ao exame minucioso dos encarregados dessa função; se fosse encontrado um único piolho na camisa de um deportado, todas as roupas de todos os ocupantes do dormitório eram imediatamente enviadas para desinfecção e os homens eram submetidos a duches, depois de serem esfregados com lisol. Assim, tinham de passar a noite inteira nus, até às primeiras horas da manhã, quando as suas roupas voltavam do barracão de desinfecção, impregnadas de humidade.

No entanto, não se tomava qualquer outra providência para a profilaxia das doenças contagiosas, que eram frequentes: tifo e escarlatina, difteria e varicela, sarampo, erisipela etc., sem contar com as inúmeras infecções cutâneas contagiosas, como as epidermofitoses, os impetigos, as sarnas. É de facto surpreendente que, tendo em conta tanta negligência em relação às normas higiénicas de pessoas que viviam numa promiscuidade tão grande, nunca tenham surgido epidemias de rápida difusão.

Uma das maiores possibilidades de transmissão de doenças infecciosas consistia no facto de uma razoável percentagem de prisioneiros não dispôr de gamela ou de colher, de modo que três ou quatro pessoas eram obrigadas a comer sucessivamente no mesmo recipiente ou com o mesmo talher, sem poder lavá-lo.

A alimentação, de quantidade insuficiente, era de má qualidade. Consistia em três refeições: de manhã, logo depois de acordar, eram distribuídos 350 gr. de pão quatro vezes por semana e 700 gr. três vezes por semana, portanto, uma média diária de 500 gr. — quantidade que seria razoável se o próprio pão não trouxesse incontestavelmente uma grande quantidade de escórias, entre as quais, de forma muito visível, serragem de madeira —;

além disso, ainda de manhã, davam-nos 25 gr. de margarina com uns vinte gramas de salame ou uma colherada de doce ou ricota. A margarina era distribuída só seis dias por semana; mais tarde, essa distribuição reduzir-se-ia para três dias. Ao meio-dia, os deportados recebiam um litro de sopa de nabo ou couve, absolutamente insípida devido à falta de qualquer tempero, e à noite, no final do trabalho, outro litro de sopa um pouco mais consistente, com algumas batatas ou, por vezes, ervilhas e grão-de-bico; mas esta também totalmente desprovida de componentes gordurosos. Raramente encontrávamos lá dentro alguma fibra de carne. Como bebida, de manhã e à noite era distribuído meio litro de uma infusão de substituto de café, sem açúcar; só aos domingos vinha adoçado com sacarina. Em Monowitz havia falta de água potável; a água que havia nos lavatórios servia só para uso externo, sendo de origem fluvial e chegando ao Campo sem ser filtrada, tornando-se, por isso, altamente suspeita: tinha um aspecto límpido, mas, vista numa camada espessa, parecia amarelada; tinha um gosto entre o metal e o enxofre.

Os prisioneiros eram obrigados a tomar duche duas ou três vezes por semana. Esses banhos, porém, não eram suficientes para manter a higiene pessoal, pois a quantidade de sabão que nos era dada era parcimoniosa: era distribuído apenas uma vez por mês, sob a forma de um sabonete de 50 gr. de péssima qualidade. Tratava-se de um pedaço rectangular, muito duro, desprovido de substâncias gordas, mas rico em areia, que não fazia espuma e se despedaçava com extrema facilidade, de modo que após um par de banhos estava totalmente consumido. Depois do banho, não havia possibilidade de secar o corpo ou de o enxugar, pois não havia toalhas; e, quando saíam do banho, os prisioneiros tinham de correr nus, independentemente da estação do ano, fossem quais fossem as condições atmosféricas e meteorológicas e a temperatura, até aos seus «blocos», onde eram guardadas as roupas.

«Somos homens, pertencemos à mesma família humana a que pertencem os nossos carrascos. [...] Somos filhos dessa Europa onde está Auschwitz.»

Em 1945, no rescaldo do fim da Guerra e da libertação dos campos de concentração pelas forças aliadas, o exército soviético pediu a Primo Levi e a Leonardo de Benedetti, seu companheiro de campo, que redigissem uma relação pormenorizada das condições de vida nos Lager. O resultado foi um dos primeiros relatórios alguma vez realizados sobre os campos de extermínio. Chocante pela objectividade e detalhe, tocante pela precoce e indignada lucidez, é um testemunho extraordinário daquela que viria a ser uma das vozes mais relevantes da antologia de memórias sobre o Holocausto.

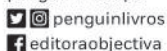
*Assim foi Auschwitz* recolhe esse relatório e vários outros textos de Primo Levi sobre a experiência colectiva do Holocausto, compondo um mosaico de memórias e reflexões críticas de inestimável valor histórico e humano, tão relevantes hoje como no tempo em que foram escritos.

«A nossa esperança é que tudo o que aqui foi documentado seja visto e lembrado como uma aberração a não repetir até ao futuro mais longínquo. A esperança de todos os homens é que estas imagens sejam vistas como um fruto horrendo, mas isolado, da tirania e do ódio: que se identifiquem as suas raízes na grande parte da História sangrenta da Humanidade, mas que o fruto não dê novas sementes, nem amanhã nem nunca.»



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

penguinlivros.pt



penguinlivros

editoraobjectiva

ISBN 9789897845017



g 789897 845017 >